

UM DEFEITO DE COR: HISTÓRIA, LITERATURA E MARGEM

A MALFUNCTION OF THE COLOR: HISTORY, LITERATURE AND MAR

Andréia Cabral Bezerra

Escola de Tempo Integral Olga Benário

andriacabrall@gmail.com

Resumo: Este artigo faz uma análise reflexivo-teórica acerca da ausência de uma crítica literária sobre a literatura autoral negra e o sujeito negro na perspectiva da literatura brasileira, a partir da leitura do romance histórico *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves. Objetiva-se, ainda, analisar a identidade da literatura afro-brasileira por meio de sua história, cultura, religião e língua narrados pela personagem épica Kehinde.

Palavras-chave: literatura afro-brasileira; autoria negra; literatura e história.

Abstract: This paper makes a theoretical-reflexive analyses about the lack of literary reviews of black authors' literature and of black characters within the brazilian literature through the reading of the historical novel *Um defeito de cor* (A malfunction of the color), by the author Ana Maria Gonçalves. It is also our goal in this analyses to identify the african-brazilian literature throughout its history, culture, religion and language as narrated by the epic character Kehinde.

Key words: african-brazilian literature, black authors, literature and history.

Introdução

Um defeito de cor é um romance publicado em 2006 por Ana Maria Gonçalves, mineira da cidade de Ibiá, que, em 2002, mudou-se para São Paulo onde trabalhou como publicitária, trocando mais tarde a grande metrópole pela ilha de Itaparica, na Bahia, abandonando a área de publicidade e propaganda para se dedicar à literatura. Seu primeiro livro foi o romance *Ao lado e à margem do que sentes por mim* que publicou de forma independente através de seu blog (www.anamariagoncalves.blogspot.com) e, anos mais tarde, veio a publicar o romance épico *Um defeito de cor* pela Editora Record, sendo premiada no ano de 2007, em Cuba, com o prêmio na categoria "Literatura Brasileira" Casa de las Américas.

Este romance é composto por 952 páginas e resulta de um longo processo de pesquisa acerca da sociedade brasileira do século XIX, o enredo aborda dois períodos da história do Brasil, o período escravagista, marcado pela civilização do açúcar, e o início do pensamento abolicionista. Nessa época, circulava um dito comum que evidenciava o valor do açúcar, nessa época e o processo da escravidão na colônia: "Sem açúcar, não há Brasil; sem escravidão, não há açúcar; sem Angola não há escravos". Sendo assim, *Um defeito de cor* é o romance histórico, embora a própria autora não defina sua obra como tal.

Em uma entrevista concedida à *Revista Retrato do Brasil Ana Maria Gonçalves* afirma que:

[...] a ideia com o livro foi despertar a curiosidade das pessoas para um assunto sobre o qual quase nunca se é bem informado o suficiente e que teve uma influência muito grande na formação do povo brasileiro: a escravidão.¹

Sendo a literatura brasileira uma cultura ainda dominada pelo branco, o romance *Um defeito de cor* traz para atualidade um discurso voltado para a história do negro no país e o período escravocrata desde o processo de saída da África até a chegada em solo brasileiro. O romance é narrado em primeira pessoa de forma onisciente, através das memórias de uma senhora de oitenta e nove anos, a personagem protagonista denominada Kehinde.

Escrito por uma autora descendente de índios e portugueses, negros e espanhóis, a obra

¹ Entrevista cedida ao jornalista Renato Pompeu da Revista Retrato do Brasil/ Reportagens, publicada em quatro edições de setembro de 2006 a janeiro de 2007. Cf. entrevista Revista Retrato do Brasil/ Reportagem. Edição nº 01, setembro de 2006. Disponível no sítio eletrônico <http://www.oretratodobrasil.com.br/pdfs/RB_01/Um%20defeito%20sem%20maculas.pdf> acessado em 30 de setembro de 2013 às 15h56min.

nos traz à voga a questão da literatura Afro-brasileira e o sujeito negro como voz protagonista no enredo. Ou seja, representa o momento em que o negro escritor deixa de ser objeto representado por uma voz autoral branca e se transforma em sujeito através de um discurso legitimado por cor e origem do escritor e da escritora negra. A literatura afro-brasileira assume a autoridade do discurso sobre sua cultura, descendência e povo.

Entretanto, para alguns críticos, não é autoridade (a literatura sendo escrita pelo autor negro) quem garantirá à literatura afro-brasileira qualidade e valor literário. Zilá Bernd (1988) afirma que apenas a etnia negra não basta para criar uma determinada literatura, mas que a “literatura negra” só tem sentido enquanto marca posição política e racial, tomada conscientemente. Ou seja, a literatura assume um caráter mais sociológico e político, do que, propriamente reconhecimento pelo bom teor literário, coisa que se espera da literatura. Essas considerações parecem deslegitimar vozes historicamente silenciadas.

Segundo Bernd:

[...] é preciso sublinhar que o conceito de literatura negra não se atrela nem à cor da pele do autor nem apenas à temática por ele utilizada; mas emerge da própria evidência textual, cuja consistência é dada pelo surgimento de um eu enunciativo que quer ser negro. Assumir a condição negra e enunciar em primeira pessoa parece ser o aporte maior trazido por essa literatura, constituindo-se em um de seus marcadores estilísticos mais expressivos (BERND, 1988, p.12).

Zilá Bernd define, então, literatura negra independente da cor da pele, mas que surge a partir de um sujeito enunciativo que se quer de autoria afro-brasileira e que é enunciado em primeira pessoa. É difícil ainda definir um conceito sobre a literatura afro-brasileira, apesar de inúmeras dissertações e teses que vêm sendo feitas sobre o tema, o que ocasiona em processo árduo para a definição deste conceito.

Segundo a pesquisadora Florentina Souza:

No século XX, principalmente nas três últimas décadas, escritores auto-definidos negros e brasileiros, partícipes da construção do país, exigem a inscrição de seus corpos e suas vozes como parte de sua textualidade cultural (SOUZA, 2005, p.54).

O que Souza quis dizer é que escritores que se autodefinem negros necessitam de um espaço na literatura brasileira, ou seja, do reconhecimento de uma literatura Afro. E ressalta ainda sobre o conceito ou a forma de identificar a literatura afro-brasileira, segundo Florentina:

Não será a cor da pele que ou a origem da étnica o elemento definidor dessa produção textual, mas sim o compromisso de criar um discurso que manifeste as marcas das experiências históricas e cotidianas dos afrodescendentes no país. O conjunto de textos circula pela história do Brasil, pela tradição popular de origem africana, faz incursões no iourubá e na linguagem dos rituais religiosos legitimando, tradições, histórias e modos de dizer, em geral ignorados pela tradição instituída. (SOUZA, 2005, p.61)

Assim, como para Zilá Bernd, segundo o ponto de vista de Florentina Souza, o que vale como elemento definidor para determinar a produção textual negra não é a cor e nem a etnia, mas um discurso que promova uma escrita voltada para história e, conseqüentemente, sua linguagem, suas tradições e seus ritos, pois é inerente falar dos povos africanos e os afrodescendentes sem manter uma conexão com sua cultura, uma vez que faz parte da sua identidade.

Outros estudiosos preferem demarcar a importância de uma voz autoral negra com poder de discurso literário. Essa postura significa apoderar tanto o escritor e a escritora negra, como também dar voz a sujeitos que foram, durante o longo processo político e histórico de nossa sociedade

escravocrata e preconceituosa. Ao oposto de Zilá Bernd e Florentina Souza, o educador Ironildes Rodrigues, em uma entrevista para a escritora Luiza Lobo disse que a:

[...] Literatura negra é aquela desenvolvida por autor negro ou mulato que escreva sobre a sobre a sua raça dentro do significado do que é ser negro, da cor negra, de forma, de forma assumida, discutindo os problemas que lhe concernem: religião, sociedade, racismo. Ele tem de se assumir como negro. (2007, p.266)

Ao contrário das escritoras que afirmam que a cultura e a literatura negra não são definidas pela cor da pele ou pela etnia, Ironildes Rodrigues afirma que estas, além de serem compostas por aspectos históricos, culturais e sociais que fazem parte da raça negra, estão também revestidos do significado do que é ser negro e que, portanto, é preciso ser negro ou mulato para se assumir como tal.

Entrevistada pelo repórter Renato Pompeu para a Revista *Retrato do Brasil*, que perguntou se o livro estava destinado a se tornar um marco na formação da consciência nacional brasileira ou se preferiria que fosse um marco na consciência negra, Ana Maria Gonçalves então declara: “Eu escrevi um livro que gostaria de ler, com informações que gostaria de ter encontrado em um livro sobre o assunto; e isso já me basta ².”

Apesar de não haver uma definição concreta sobre a literatura negra ou afro-brasileira, é relevante ressaltar aqui sobre a importância da voz autoral negra, uma vez que pode diferir das literaturas escritas pelos “brancos”, principalmente no século XXI, quando a literatura afro começa a ter espaço e há uma análise maior por parte dos estudiosos sobre essa questão, além da perspectiva sobre o olhar de um “outro” que deixa de ser objeto e passa a ser sujeito da própria literatura, pelo menos é o que diz Luiza Lobo, no livro *Crítica sem juízo- Literatura Afro-brasileira*:

É o fato de que o negro deixa de ser objeto e passa a sujeito da literatura da própria história; deixa de ser tema (inclusive como estereotipo) para ser autor, com uma visão de mundo própria. Assim, poderíamos definir literatura afro-brasileira como a produção do à produção literária de afrodescendentes que se assumem ideologicamente como tal, utilizando um sujeito de enunciação próprio. Portanto, ela se distinguiria, de imediato, da produção literária de autores brancos a respeito do negro, seja enquanto objeto, seja enquanto tema ou personagem estereotipado (folclore, exotismo, regionalismo). (LOBO. 1993, p.315)

Um defeito de cor é uma narrativa em primeira pessoa em que se é narrada à história de uma africana que foi trazida para o Brasil, no século XIX, para trabalhar como escrava, história narrada pela própria personagem Kehinde, que morava em Savalu, África. A partir dos sete anos de idade, começou a ser vítima de sucessivas violências, à primeira delas foi ocasionada pelo estupro, a morte de sua mãe e o assassinato de seu irmão, por guerreiros locais. Após o ocorrido, ela, sua avó e a irmã gêmea Tawio decidem deixar a cidade de Savalu e, sem rumo definido, chegam a uma cidade chamada Uidá. Lá, Kehinde e a sua irmã são raptadas por um comerciante de escravos, sua vó sabendo o que ocorreu com as netas decide se oferecer para ir com elas para um novo mundo. Esta é uma parte importante do livro, pois retrata o processo de captura dos escravos e mostra que não era comum crianças serem traficadas, mas a personagem não era uma simples criança, por ser gêmea. Na África, havia uma significação maior porque elas eram Ibêjis. Inicia-se então a saga de Kehinde, que fora colocada em um navio negreiro que cruzara o atlântico com destino ao Brasil.

Como o livro foi escrito a base de muitas pesquisas, há um relato detalhado da narradora a respeito dos horrores do tráfico negreiro durante e depois da travessia do atlântico, que durava

² Entrevista cedida ao jornalista Renato Pompeu da Revista *Retrato do Brasil*/ Reportagens, publicada em quatro edições de setembro de 2006 a janeiro de 2007. Cf. entrevista Revista *Retrato do Brasil*: Reportagem. Edição nº 01, setembro de 2006. Disponível no sítio eletrônico <http://www.oretratodobrasil.com.br/pdfs/RB_01/Um%20defeito%20sem%20maculas.pdf> acessado em 30 de setembro de 2013 às 16h10min.

mais que dois meses, para chegar ao Brasil, onde eram transportados dentro dos porões dos navios negreiros, espremidos por haver uma grande quantidade de pessoas, milhares de homens e mulheres que suportaram o calor, sede, fome, sujeira, ataque de ratos e piolhos, que ocasionavam doenças como sarampo e a peste negra, essa última chegou a exterminar muitos homens e mulheres dentro do navio, inclusive a irmã e a avó de Kehinde. Ao lermos tais narrativas, causa-nos certo repúdio a forma desumana com a qual esses seres humanos foram tratados, tudo isso por causa de uma visão distorcida de que a cor representava sistema de poder para o grupo branco e de escravidão os negros.

Kehinde, sendo a única sobrevivente de sua família, chega ainda menina ao Brasil, onde foi comprada para servir a filha de um Senhor de engenho na ilha de Itaparica, na Bahia. No Brasil, passa adotar um nome cristão, uma vez que a religião dominante era o catolicismo, os escravos deveriam ser batizados com um nome cristão, deixa então de ser Kehinde para se tornar Luíza Gama. Neste ponto, a escritora Ana Maria Gonçalves cria então um diálogo entre a historiografia, já que o livro partiu de pesquisas e, principalmente, de cartas encontradas por ela na casa de uma família na Bahia, onde acredita ser a casa da mãe do poeta negro Luiz Gama, o que pode ser evidenciado através da leitura do livro que pode se tratar da representação da mãe dele, Luiza Mahim.

Na introdução do livro, Ana Maria Gonçalves faz uma ressalva ao romance, como sendo obra apenas de ficção ao dizer que:

[...] Esta não pode ser uma simples história, pode não ser uma história de uma anônima, mas de uma escrava muito especial, alguém cuja existência não se tem confirmação, pelo menos até o momento em que escrevo essa introdução. Especula-se que ela tenha sido inventada pela necessidade que os escravos tinham de acreditar em heróis, ou no caso, em heroínas que apareciam para salvá-los da condição humana [em] que viviam. Ou então uma lenda inventada por um filho que tinha lembranças da mãe até os sete anos. [...] O que você vai ler agora, talvez seja a história da mãe desse homem, respeitado e admirado pelas maiores inteligências de sua época³

Especulações à parte, Kehinde (ou Luíza) passa por uma grande transformação no período em que mora no Brasil, passando viver em uma terra nova, tendo que aprender a falar outra língua, mudar os costumes e tradições principalmente religiosas todo e qualquer costume que não é seu. Kehinde então deixa de ser uma menina para se transformar em mulher. Após tomar a forma de mulher, sofre com o abuso sexual, por parte do seu senhor que a engravida, mais tarde muda-se para Salvador com a sua sinhá que se afeiçoa à criança. Em Salvador, manda Kehinde trabalhar como uma escrava de ganho, na casa de uma família inglesa onde, mais tarde, consegue comprar sua liberdade. Já liberta, ela conhece um comerciante português chamado Alberto com quem se casa e tem o seu segundo filho, mais tarde vendido como escravo pelo próprio pai, o que coincide historiograficamente com a história do poeta Luís Gama.

Ao descobrir sobre a venda do filho, ela começa uma busca pelo paradeiro dele, em outras regiões do país, não o encontrando, Kehinde volta para a África, com a esperança de achá-lo e, para reiniciar uma nova vida, uma vez que encontra velhos amigos e conhece um negro de uma colônia inglesa que a engravida de filhos Ibêjis, ou seja, gêmeos.

Em Uidá, Kehinde passa por um processo reverso ao início da história, lá ela consegue montar uma construtora de casas. Mesmo tendo conseguido mudar o seu destino de escrava para empresária, Kehinde ainda sentia saudades do Brasil e o motivo maior que a ligava a esta terra era o seu filho perdido, tendo criado todos os outros filhos, e já com mais de oitenta anos, ela decide mais uma vez cruzar o atlântico na tentativa de encontrar seu filho. Esta será a sua última viagem, mas que deixará como o seu maior legado, sua história contada em cartas tendo a esperança de que o seu filho perdido as lesse.

Ana Maria Gonçalves desenvolveu um romance que está à margem da história da civilização do XIX, narrado por uma mulher e, acima de tudo negra, mostrando como se desenrolavam as

3 GONÇALVES, Um defeito de cor. 2006, p.16-17

relações dos senhores sob o ponto de vista do ser escravizado, dando ênfase aos seus sentimentos e emoções.

Pouquíssimos escritores prestaram-se a esse papel, mesmo grandes nomes da nossa literatura como Machado de Assis escritor mulato, que segundo Luiza Lobo (2007) “apesar de sua cáustica visão de mundo burguês e branco, pouco se debruçou sobre o negro em sua obra”. Assim como o poeta Sousândre e o escritor Jorge de Lima com o poema “Essa nega Fulô” (1929) que trazem para suas obras mais uma visão estereotipada pelo branco ou marcadas pelas ações destes, suprimindo assim o negro como sujeito da história. Nesta perspectiva, o negro passa a integrar narrativas que tratam mais da escravidão e menos sobre ele próprio.

Segundo David Brookshaw:

No Brasil, como em outros países do Novo Mundo, o preconceito contra o negro tem sido e ainda é um dos mais arraigados em nossa experiência histórica em virtude de séculos de escravidão. O negro, mesmo antes de ter sido escravizado, tinha um defeito que para muitos serviu de justificativa para sua escravatura, e esse defeito era sua cor. (...) O fato de que a escravidão envolveu pessoas de cor negra foi, sem dúvida, culturalmente mais tranquilizante que se tivesse envolvido brancos. A associação da cor preta com maldade e feiura, e da cor branca com bondade e beleza remonta à tradição bíblica, resultando daí que o simbolismo do branco e do preto constitui parte intocada da cultura europeia, permanecendo em seu folclore e em seu patrimônio literário e artístico. Foi da bíblia que os europeus, em ambos os lados do Atlântico, retiraram suas explicações para a inferioridade dos negros, pela associação destes com os descendentes da tribo de Ham, amaldiçoada por Noé. O ideal colonial era “de trazer à luz da civilização a escuridão da ignorância e da selvageria”. Após três séculos de escravidão negra, o preconceito contra o negro estava tão inculcado na cultura social branca como a dar a entender, a partir disso, que o negro é um ser assim estereotipado (BROOKSHAW, 1993, p. 12, 13)

Mas há autores como Maria Firmina dos Reis que escreveu o romance *Úrsula* (1959) sendo a primeira escritora mulher e a primeira a causa abolicionista, entre outros como Lima Barreto, Cruz e Souza, Solano Trindade, Luís Gama. Mas seguindo as palavras de Luiza Lobo que diz:

Não caberá à literatura a análise da perversão como expressão do recalcado nem o julgamento ideológico do autor em função da sua classe social ou biografia – mas fica explícita aqui a indiferença de Machado pelo tema abolicionista, à diferença de tantos outros autores do mesmo período, como Luís Gama, José do Patrocínio e Cruz e Sousa, que não se isentam do problema. (LOBO, 2007, p.2664)

É verdade que só há pouco tempo que o negro deixa de ser o sujeito apenas nas teses e nos livros de história e passa a ser o sujeito enunciador na literatura, embora ainda as produções afro-brasileiras sejam publicadas de forma independente. Grupos como Quilombhoje, O grupo Negrícia, “Poesia e Arte Crioulo”, Grupo Palmares ajudou na divulgação da literatura afro-brasileira, principalmente o Grupo Quilobhoje que publicaram os *Cadernos Negros* importante veículo de comunicação de autores afro-brasileiros, como Miriam Alves, Marise, Tietra, Geni Mariano Guimarães, outros autores também são importantes para a constituição de uma voz autoral negra como Oswald de Camargo.

Houve também um aumento considerável à respeito dos ensaios sobre a literatura afro-brasileira, como o professor pesquisador e ensaísta Muniz Sodré que publicou um ensaio chamado *A verdade Seduzida* (1983), em que procurou contrapor o conceito europeu iluminista de cultura uma proposta de definição de cultura afro-brasileira ligada à concretude das manifestações da

comunidade afro no seu dia a dia.

A respeito dos *Cadernos negros*, Souza destaca que:

Os autores dos cadernos negros buscaram da visibilidade à sua produção e ampliaram a reflexão sobre a condição de trabalho dos escritores negros, sobre a circulação de seus textos, a marginalização dessa produção e a linguagem com que expressam. Numa criação literária preocupada mais com a função social do texto, interessa-lhes, sobretudo, a vida dos excluídos por razões de natureza étnico-racial. A relação entre cor e exclusão passa a ser recorrente na produção literária denominada pela crítica como negra ou afro-racial. A relação entre cor e exclusão passa a ser recorrente na produção literária denominada pela crítica como negra ou afro-brasileira. (SOUZA, 2005, p.17)

Embora a literatura afro-brasileira e estudos sobre o tema tenham aumentado sua produção, muitos autores que se assumem como negros e são sensíveis com a causa da exclusão dos descendentes de escravos na sociedade brasileira resistem ao uso da expressão “escritores negros”, “literatura negra” ou “literatura afro-brasileira”, pois eles têm o conceito de que ao utilizar essas expressões estarão rotulando e aprisionando suas produções literárias.

Segundo Florentina Souza:

Quando nos referimos à literatura brasileira, não precisamos usar a expressão “Literatura branca”, porém, é fácil perceber que, entre os textos consagrados, pelo “cânone literário”, o autor e autora negra aparecem muito pouco, e, quando aparecem, são quase sempre caracterizados pelos modos inferiorizantes como a sociedade os percebe. Assim, os escritores de pele negra, mestiços, ou aqueles que, deliberadamente assumem as tradições africanas em suas obras, são sempre minoria na tradição literária do país. (SOUZA, 2005, p.13)

O discurso afro se faz importantes a linguagem e as técnicas de linguagem que ainda estão baseadas no discurso do “branco”. Segundo Márcio Barbosa (1985) “Os negros se deparam com um dilema fundamental: as técnicas e a linguagem que usam são técnicas e linguagem brancas”. Além de se repensar nos princípios ideológicos ligados à negritude para que haja uma autenticidade na literatura afro-brasileira, contando que seu conteúdo está relacionado a contextos nos quais as personagens ou fatos mantenham uma conexão com fins históricos.

É importante ressaltar que a seguir os nomes e seus significados tiveram como fonte de pesquisa o próprio romance, ou seja, o livro *Um defeito de cor*, onde a cada nome de origem africana a autora relata o seu significado.

Ao se falar em história, significa também por em discussões os aspectos linguísticos e culturais que envolvem a cultura negra, principalmente no que tange ao período da escravidão no Brasil, já que o negro africano do século XIX entra em conflito com os valores europeus disseminados no ocidente. No romance *Um defeito de cor*, esses elementos se fazem presentes através, da representação do nome de algumas personagens, já que na cultura africana os nomes possuem um significado de acordo com sua crença. No caso de nossa protagonista, que se chama Kehinde, atribui-se esse nome devido ao fato de que na cultura africana ela é uma Ibêji⁴, que significa, “aqueles quem foram chamados de gêmeos em iorubá⁵”. Dá-se o nome de Taiwo, ao primeiro gêmeo gerado e o de Kehinde ao último no caso, primeiro nasceu à irmã. Depois que veio

4 GONÇALVES, Um defeito de cor. 2006, p.19

5 Os **iorubás** ou **iorubas** (em iorubá: *Yorùbá*), também conhecidos como ou **yorubá** (io•ru•bá) ou **yoruba**, são um dos maiores grupo étno-linguístico ou grupo étnico na África Ocidental. A maioria dos iorubás falam a língua iorubá (iorubá: èdèeYorùbá ou èdè)

ao mundo a personagem principal. Assim, como Tawio e Kehind, outros nomes dos personagens possuem significados importantes, como o nome da avó Dúrójaiye que significa “fica para gozar da vida, nós imploramos”⁶, sua mãe se chamava Dúrórilkéera o mesmo que “fica, tu serás mimada” e, por último, o seu irmão Kokumo que era tido como “não morrerás mais, os deuses te segurarão”⁷. Há entre essas três pessoas uma relação espiritual; de acordo com a cultura religiosa, eles eram Abikus, que significa “criança nascida para morrer”, o que de fato ocorre na obra.

No Brasil, Kehinde deixou o seu nome de lado, pelo menos para os patrões e os religiosos, apesar de ter embarcado no navio como todos os outros escravos, Kehinde escapa de ser batizada no catolicismo, pois consegue fugir do navio no momento do batismo, mesmo assim, leva o nome de Luíza Gama, mas para ela, ela continua sendo Kehinde, uma vez que é sua identidade e, através do seu nome, ela não poderia se esquecer de quem era, de onde veio, além de preservar a sua tradição religiosa que estava anexada a ele.

Milhares de africanos foram trazidos para o Brasil, todos vinham de alguma região da África, Angola, Guiné-Bissau, Jamaica entre outros lugares, com eles vinham sua cultura seus ritos e suas religiões seus costumes. Na questão da linguagem, eles foram obrigados a aprender a língua portuguesa. No romance, Kehinde é imposta a aprender o português, uma vez que o senhor da terra não gostava que os seus escravos falassem sua língua materna. É importante evidenciar que vários termos da cultura africana foram incorporados ao nosso sistema linguístico, como quitanda, moqueca, cochilo, muamba⁹ e muitos outros que são portadores de elementos culturais que foram compartilhados por toda a sociedade brasileira, havendo uma africanização do português.

No século XIX, a religião predominante no Brasil era o catolicismo, mas os que vinham de África possuíam uma religião diferente, adoravam os deuses de sua terra, suas religiões que, em meados deste século, eram considerados como ritos de feitiçaria e magia negra, conceito esse difundido até hoje por muitos. O romance *Um defeito de cor* explica muito bem a relação dos africanos com seus orixás, Iemanjá, Xangô, Oxum, Ogum, que na África são denominados orixás¹⁰ e que representam os seus ancestrais divinizados. São cultuados por possuírem poderes como Ogum, deus do ferro e do fogo¹¹, Xangô o deus dos raios e trovões¹², Oxum é o orixá das águas doces, da beleza, traz prosperidade para seus filhos, seus descendentes e seguidores.¹³ Iemanjá é a mais reconhecida como orixá da água doce e salgada vista como “a rainha do mar”, é também conhecida por dona Janaína, Inaê, Princesa de Aiocá e Maria, no paralelismo com a religião católica¹⁴. Há uma correlação de seus vuduns/orixás com os santos católicos mostra em trecho do romance:

São Benedito era preto como nós, ou Nossa Senhora da Conceição, que se reza como Iemanjá, assim como São Jorge é Xangô e Santo Antônio é Ogum, ou São Cosme e Damião, que são Ibêjis. (GONÇALVES, 2006, p.90)

Enquanto havia um empenho da política, social e racial da época que obrigava os negros a seguirem os hábitos culturais europeus principalmente no quesito religioso, Kehinde resistiu a esse processo, mantendo mesmo que de forma escondida, pois era a sua identidade de mulher africana, embora ela tenha assumido como religião o candomblé, religião afro-brasileira que derivou do animismo¹⁵ africano. Essa resistência era uma forma de sobreviver ao sistema escravocrata uma vez que a personagem tendo conexão com sua religião estava ligada a sua terra natal, a sua mãe

6 GONÇALVES, *Um defeito de cor*. 2006, p.19

7 GONÇALVES, *Um defeito de cor*. 2006, p.19

8 GONÇALVES, *Um defeito de cor*. 2006, p.19

9 Disponível no sítio: <http://pt.wikipedia.org>

10 orixás (yoruba Òrìsà; em espanhol *Oricha*; em inglês *Orisha*) são ancestrais divinizados africanos que correspondem a pontos de força da Natureza. Disponível no sítio: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Orix%C3%A1> acessado 09 de setembro de 2013 às 05h30.

11 GONÇALVES, *Um defeito de cor*. 2006, p.37

12 GONÇALVES, *Um defeito de cor*. 2006, p.20

13 GONÇALVES, *Um defeito de cor*. 2006, p.20

14 GONÇALVES, *Um defeito de cor*. 2006, p.39

15 O termo “animismo” aparenta ter sido desenvolvido inicialmente pelo cientista alemão Georg Ernst Stahl, por volta de 1720, para se referir ao “conceito de que a vida animal é produzida por uma alma imaterial”. Disponível no sítio: http://pt.wikipedia.org/wiki/Animismo_africano acessado 09 de setembro de 2013.

e seus ancestrais. Significava também uma forma de se proteger contra a opressão e se autorpreservarem é o que relata a protagonista Kehinde:

No Brasil o candomblé foi um dos principais focos de resistência do negro na sociedade brasileira, a religião era uma maneira dos povos oprimidos articularem seus movimentos defensivos à dominação. (GONÇALVES, 2006, p.727)

Um defeito de cor traz uma nova perspectiva a respeito dos elementos que definem a cultura africana no Brasil, uma vez que desmitifica preconceitos enraizados por uma postura negativa que vem dê do Brasil colônia, mas que permanecem atuantes até hoje. E explica como surgiu a cultura religiosa, ressaltando a importância dos seus orixás, as danças que surgiram através do momento de felicidade nos terreiros das senzalas e a música com o batuque dos tambores. Por se tratar de um romance histórico, fruto de uma pesquisa extensa da autora ela trata desses assuntos de forma detalhada, pois cada rito, dança e música a uma significação para esse povo, fazendo com que o leitor entre em contato com essas culturas através de sua história, abrindo um novo olhar sobre a cultura afro-brasileira.

Kehinde é uma personagem multifacetada, pois, vive um processo de idas e vindas em que a narradora tem a intenção de reconstituir o seu passado entre Brasil e África. Com a vinda para o Brasil criança Kehinde toma consciência sobre o olhar do outro. É o que ela narra quando cruza o atlântico:

Tawio começou a chorar porque o vestido novo estava muito sujo, e a minha avó disse que lavaria quando chegássemos ao estrangeiro. Mas eu preferia chegar daquele jeito mesmo, bem suja para que os brancos não quisessem nos fazer de carneiros. Carneiros de verdade eram limpos. E também para que não nos quisessem de presente, nem a mim nem à Tawio, pois eu não gostava da ideia de dar sorte para gente que tratava gente pior do que se trata um carneiro. (GONÇALVES, 2006, p.40).

Este trecho mostra a visão que os africanos tinham sobre o que eles estavam vivenciando, por não saber para onde iam, apenas que estavam indo para terras estrangeiras, muitos acreditavam que os brancos os transformariam em carneiros. A partir desse momento Kehinde toma consciência que não gostaria de servir a alguém que a tratava pior que um animal. Em solo brasileiro Kehinde sofre transformações, ainda criança torna-se escrava, vive a sua adolescência e a maior parte da sua juventude no Brasil, sob a condição de estrangeira, busca artifícios como as suas tradições e a religião um meio de reviver a África no Brasil e uma forma de se livrar do sistema escravagista. Sabendo aproveitar as oportunidades que surgiram, conseguiu mudar a sua história, a primeira delas foi aprender a ler, depois trabalhar como escrava de ganho para comprar sua liberdade, se torna ex-escrava, participa ativamente na revolta malês¹⁶, embora não tenha participado de todas as cenas descritas. Kehinde então casa-se com um português e dele tem um filho que foi vendido como escravo pelo pai é neste ponto da história que estabelece uma relação historiográfica entre a personagem Kehinde que tem por nome cristão Luíza Gama e mãe do poeta Luís Gama¹⁷, Luíza Mahin que participou da revolta dos malês e fora casada com um português pai de Gama que o vendeu como escravo.

Ana Maria Gonçalves deixa a entender que se trata do poeta Luís Gama o descrevendo da seguinte maneira:

Uma lenda inventada por um filho que tinha lembranças da mãe apenas até os sete anos, idade em que pais e mães são grandes heróis para seus filhos. Ainda mais quando observados por mentes espertas e criativas, como era o caso deste filho do qual estou falando, que nasceu livre, foi vendido

16 A Revolução Malê aconteceu na Bahia, em 1835. A revolta, liderada por negros de ascendência muçulmana, conhecidos como malês, visava o extermínio dos brancos. Mas o fracasso da revolução resultou em um extermínio de grandes proporções de negros, muçulmanos ou não, envolvidos com a revolta ou não. Esta temática será retomada no terceiro capítulo.

17 Luís Gama poeta, advogado, abolicionista.

ilegalmente como escravo, e mais tarde se tornou um dos principais poetas românticos brasileiros, um dos primeiros magos e um dos mais notáveis defensores dos escravos e da abolição da escravatura. [...] Um homem inteligente e batalhador que, tendo nascido de uma negra e de um fidalgo português que nunca o reconheceu como filho, conseguiu se tornar advogado e passou a vida defendendo aqueles que não tiveram a sorte ou as oportunidades que ele tão bem soube aproveitar. O que você vai ler agora talvez seja a história da mãe deste homem respeitado e admirado pelas maiores inteligências de sua época, como Rui Barbosa, Raul Pompeia e Silvio Romero. Mas também pode não ser. E é bom que a dúvida prevaleça até que, pelo estudo do manuscrito, todas as possibilidades sejam descartadas ou confirmadas, levando-se em conta o grande número de coincidências, como nomes, datas e situações. Torgo para que seja verdade, para que seja ela própria a pessoa que viveu e relatou quase tudo o que você vai ler neste livro. Não pela história, que não desejo a ninguém, e logo você vai saber por que. (GONÇALVES, 2006, p.17)

Apesar de não deixar claro que a história se trata de Luíza Mahin, autora levanta a possibilidade que seja ela, pois, estabelece uma relação entre a ficção e a realidade através de acontecimentos reais, como a revolta do malês, o fato de ter existido uma Luíza que foi um dos símbolos dessa revolta e por ter se casado com um português que vendeu o seu filho como escravo, fica aberto ao leitor tirar suas conclusões quanto aos fatos apresentados na obra. Quanto à personagem Kehinde, com saudades da terra decidiu voltar para África:

Quase todos os dias eu ia até o cais e ficava sentada em alguma murada olhando o mar o movimento dos barcos do barco e das pessoas que chegavam. (...) Às vezes o Tico ia comigo e ficávamos conversando sobre os velhos tempos. (...) Muitas vezes falávamos que estaríamos em uma delas (embarcações) à caminho da África. (...) Foram tais pensamentos que me levaram aos sonhos, que por sua vez me levaram de volta à África. (GONÇALVES, 2006, p.727)

Ao voltar Kehinde se depara com outra África, não era mais aquela que guardava em sua memória e nos seus sonhos, embora ela também não fosse mais a mesma que era quando saiu de lá, agora ela era Luíza. Já estabelecida na África, Kehinde se torna agora estrangeira em sua terra no Brasil ela assumiu ser africana na África ela se assumiu brasileira, simplesmente pelo fato de voltar ao lugar de origem mesmo quando volta a sensação de não pertencimento, uma vez que mudou os seus valores e criou laços naquela terra, além do mais deixou o seu filho a quem lhe escrevia cartas esperando que um dia ele as lessem.

Kehinde diz:

Os africanos não gostam de pôr histórias no papel, o branco é que gosta. Você pode dizer que estou fazendo isso agora, deixando tudo escrito pra você, mas esta é uma história que eu teria te contado aos poucos, noite após noite, até que você dormisse. E só faço assim, por escrito, porque sei que já não tenho mais esse tempo. Já não tenho mais quase tempo algum, a não ser o que já passou e que eu gostaria de te deixar como herança. (GONÇALVES, 2006, p.662).

Na esperança de encontrar o filho entre a idade de oito anos, Kehinde volta a cruzar o atlântico determinada a encontrá-lo, já cega, ela pede para que sua neta escreva suas últimas cartas, com motivo de deixar como legado para seu filho perdido, uma vez que durante a viagem a narradora personagem morre, portanto, se ela encontrou o seu filho foi apenas em carta.

Kehinde é uma personagem diáspora viveu entre idas e vindas no intuito de encontrar algo

em suas viagens na tentativa de encontrar seu filho, ou quem sabe a si mesma.

Ana Maria Gonçalves tece o seguinte comentário:

O fato de pertencer a lugar nenhum é uma característica importante do estrangeiro diaspórico. Uma vez retirado de seu local, ela constrói e reconstrói vários locais não vendo necessidade de se fixar em nenhum deles. Kehinde começa suas viagens aos oito anos e todas proporcionadas por uma necessidade maior: a busca é a mola propulsora dessa travessia feita quase sempre com muita dor e angústia. Na primeira, era a avó que estava em busca de novos rumos, esperanças; depois a curiosidade a levou até um navio negreiro. Mais tarde, a procura por um meio de vida melhor a levou para Salvador e depois que seu filho desaparece, há uma série de viagens para encontrá-lo. No romance, a personagem-narradora explica essa concepção ao enfatizar o desejo de “mudar de fase, mudar de lugar como se isso representasse um novo começo, em que as esperanças se renovam.” E completa: “sempre fui assim (...) poder começar de novo, em outro lugar, com outras pessoas, com novos planos é algo que não recuso nunca.” (GONÇALVES, 2006, 718)

Um defeito de cor é um romance denso, pois, na tentativa de unir a história com a ficção abusa dos mínimos detalhes possíveis. No romance encontramos os objetivos que nos levam a análise do livro, não todos, porque um ainda permanece como uma incógnita o conceito de literatura afro-brasileira. Será a literatura afro-brasileira enquanto cor ou história? A resposta definitiva ainda não temos, de definitivo existe apenas a necessidade de tornar o negro como objeto literário e enunciador reconhecido do seu textos, deixando de lado os estereótipos negativos que foi atribuído a ele ao longo da história literária.

Ana Maria Gonçalves consegue transformar a história em literatura e a literatura em história através da historiografia, ela como uma autora contemporânea da conseguiu captar os elementos que estão pré-estabelecidos para a identidade de uma literatura afro que é na cultura histórica do negro que foi forçado a sair do seu país de origem e se adaptar uma nova comunidade com um outro tipo de cultura e dela conseguiu inserir sua marca, criando uma nova identidade cultural para os brasileiros.

Por fim, a personagem Kerainde é símbolo da literatura afro, uma vez que ela consegue emitir os valores da cultura africana no Brasil, pois, ela deixa apenas de ser um objeto sexual e lascivo por parte da literatura branca e torna o enunciador de sua história.

Referências

BERND, Zilá. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BROOKSHAW, David. **Raça e cor na Literatura Brasileira**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983.

GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

LOBO, Luíza. **Crítica sem juízo**. Ensaios. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1993.

SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré (orgs.). **Literatura Afro-brasileira**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultura Palmares, 2006.

Recebido em 9 de novembro de 2017.

Aceito em 11 de novembro de 2017.